



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

MIRACOLO A MILANO / 1951 *(O Milagre de Milão)*

um filme de Vittorio De Sica

Realização: Vittorio De Sica / **Argumento:** Cesare Zavattini segundo a sua novela "Toto il Buono", adaptado por Suso Cecchi d'Amico, Mario Chiari, A. Franci / **Fotografia:** G.R. Aldo / **Efeitos Especiais:** Ned Mann, Vaclav, Vincenzo Barboni / **Direcção Artística:** Guido Fiorini / **Música:** Cicognini / **Montagem:** Eraldo da Roma / **Intérpretes:** Emma Grammatica (Lolotta), Francesco Golisano (Toto), Brunella Bovo (Edwige), Paolo Stoppa (Rappi), Guglielmo Barnabo (Mobbi), Ana Carena (a "grande senhora"), Arturo Bragaglia (Alfredo), Erminio Spalla (Gaetano), Ricardo Bertazzolo (o atleta), Alba Arnova (a estátua), Flora Gambi (a jovem apaixonada do negro), Virgilio Riento (o sargento), Angelo Prioli (o comandante), Francesco Rissone (o 2º comandante).

Produção: Vittorio De Sica - ENIC / **Cópia:** digital, preto e branco, legendada em português, 97 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Cannes de 1951 ("Palma de Ouro") / **Estreia em Portugal:** S. Luís, em 15 de Janeiro de 1952; **reposição:** Estúdio 444, em 5 de Junho de 1969.



Não é assim tão insólita como poderá parecer a escolha de Milos Forman por este filme de Vittorio De Sica como o seu favorito. Recordando-se a obra de Forman encontram-se muitos elementos do "realismo" e do tom de "fábula" de **Miracolo a Milano** ao longo dela, em particular na parte feita na Checoslováquia. De facto há uma grande aproximação entre **Miracolo...** e **Hori, Ma Panenko/O Baile dos Bombeiros** (excluindo o aspecto "fantástico" que sublinha a parábola de De Sica e que em Forman poderá ser detectada a nível mental), na descrição do meio, nos tipos de personagens e na captação dos exteriores com a sua "atmosfera" de fantasia. Há também a

constatação em cada um dos filmes de uma certa impotência face ao poder constituído para a resolução dos problemas do povo. É a partir daqui que as diferenças se verificam. Em De Sica a parábola social idealiza-se numa mensagem de fé por um mundo melhor expressa de forma ambígua. Em **Hori, Ma Panenko** expõe a frustração de um "mundo melhor" possível que **Miracolo...** "anuncia" com a legenda final de "um país onde bom dia queira dizer mesmo bom dia", que poderia ser visto então como o "mundo socialista" a que a Checoslováquia pertencia. Aliás não é só Forman o cineasta do cinema novo checo que parece influenciado pelo neo-realismo italiano e principalmente pelo tom onírico deste filme de De Sica. Recorde-se Jan Nemec e **O Slavnosti e Hostech/A Festa e os Convidados** e o Jiri Menzel de **Ostre Sledovane Vlaky/Combóios Rigorosamente Vigiaados**.

A ambiguidade da "mensagem" que atrás referimos como veiculada por **Miracolo a Milano** foi uma das causas do sucesso do filme pois permite a cada um tirar dele o sentido que quiser. Aquele "mundo onde bom dia quer dizer mesmo bom dia" pode representar a utopia socialista e daí o êxito que o filme teve na esquerda (o texto de Jorge de Sena sobre **Miracolo a Milano**, incluído em "Sobre Cinema" é bastante sugestivo), ou pode ser o "outro" o "reino que não é deste mundo" como o final insinua não tanto pela "fantasia" de todos voarem nas vassouras (que poderia vir de uma **Mary Poppins**) mas por sobrevoarem simbolicamente (?) a catedral de Milão. Além do que, são os pobres e os deserdados os únicos que voam, ou seja é a eles que o futuro, o tal "mundo novo" está reservado, seja na Terra (para os socialistas) seja no céu (para os católicos). Da mesma forma, e carregada da mesma ambiguidade é a divisão social apresentada num "alegre" maniqueísmo: de um lado os pobres, gente simples onde a própria "ganância" é ingénuo (a competição dos "milhões"!) e os sonhos se limitam à satisfação das necessidades imediatas e a fantasias (a estátua a que é dada vida). A exceção (dramática no equívoco) é a do par de apaixonados, ele negro e ela branca cujos pedidos são a inversão, ficando ele branco e ela negra, continuando, por isso, irremediavelmente (?) separados (eis uma faceta que as "utopias", qualquer delas, podiam resolver e não o fizeram). Do outro lado, os ricos capitalistas utilizando todos os meios para expulsarem os pobres dos terrenos agora ricos. Há ainda o personagem de Paolo Stoppa. Mas este não se encontra no "meio". Se vive entre os pobres é por acasos de fortuna que o arruinaram e enquanto espera a nova oportunidade de regressar ao seu "meio" mantém as devidas "distâncias" e procura usufruir de alguns "privilégios" (no espectáculo do "nascer do Sol").

Miracolo a Milano é o núcleo da trilogia que deu fama a De Sica, aberta com **Ladri di Biciclette** e encerrada com **Umberto D**. É também aquele que "foge" deliberadamente a uma conclusão "realista" e no seu aparente "optimismo" é o mais pessimista dos três. **Ladri...** e **Umberto D** terminavam dramaticamente mas deixando um raio de esperança aos personagens dentro da solidão e da miséria em que viviam e que lhes dá a coragem para continuarem a lutar, no de **Ladri...** o amor do filho, em **Umberto D** o do cão. Mas em **Miracolo...**, aparentemente o mais feliz, a única esperança está no "tal" outro mundo, fazendo o espectador mais cínico (ou lúcido) interrogar-se se "desaparecidos" os pobres, vagabundos e desempregados para o "outro mundo" ficará "este" para os ricos e patrões? Onde estão, no fim de contas, os trabalhadores neste filme?

Manuel Cintra Ferreira

Texto escrito em 1997 por ocasião do ciclo "Escolhas Singulares: A Escolha de Milos Forman"